

Álvaro Domingues

Vida no Campo

EQUAÇÕES DE ARQUITECTURA
DAFNE EDITORA





O voo do arado

Vida no Campo é uma metáfora sobre a perda do Portugal Rural e um antídoto contra o mau viver pelo despovoamento e abandono, ou, noutra registo, pela profunda metamorfose que vai lavrando pelo país dos (ex)agricultores com o desaparecimento das suas práticas ancestrais, modos de vida, território e paisagens. Paisagens de lamentações..., ruínas, em muitos casos. Esta não é uma questão menor. Como a língua ou a história, a paisagem é um poderoso marcador identitário, uma casa comum.

Não há paisagens para sempre. A paisagem é o registo de uma sociedade que muda e, se a mudança é tanta, tão profunda e acelerada, haverá disso sinais, para além de pouco tempo e muito espaço para compreender ou digerir as marcas e formas como se vão atropelando mutuamente, ora relíquias, ora destroços.

Ao mesmo tempo, se muda a paisagem, os referentes estáveis que as imagens da paisagem produzem entram numa atrapalhação, num acelerar de diferenças onde, frequentemente, se reconhece melhor o que se perde do que o que se ganha. E o modo como é avaliado esse ganho – porque parece ser estranho ou exótico, não ser dali, não ser *vernacular* como diziam os romanos dos escravos que nasciam em casa por contraposição aos que eram recrutados algures com os seus estranhamentos – não é óbvio.

É por isso que é tão frequente falar-se do *estrago* que se está a produzir na paisagem, do *feísmo*, como se diz na Galiza.¹ Feísmo são dores, são incompreensões face à radicalidade do que muda e ao sentimento

¹ ANTÓN BAAMONDE, XAVIER PAZ, ALBA VÁZQUEZ CARPENTIER *et al*, *Feísmo?: destruir un país*, Ourense, Difusora de Letras, Artes e Ideas, 2006.



da perda do que se julgava ter. A essa pureza conspurcada opõem-se a mistura, a coexistência de ordens distintas, a diversidade dos materiais e das cores, o inacabado, o mestiço, o transgénico, a não linearidade, a dissonância, a simultaneidade, a diversidade da ornamentação, etc. A incompreensão dessa *descaracterização* faz-se, habitualmente, acompanhar do rol da perda de supostas *autenticidades* que, de tanto mitificadas, parecem ter pertencido a um tempo primordial, sem história e sem outro referente que não um passado-mais-que-perfeito. Nesse passado a *vida no campo* era a imagem do Paraíso e do *bom povo* sábio, pobre mas honesto, que vivia na sua simplicidade, alegria, em comunhão com a Natureza e oração com os deuses.

2 Jorge DIAS, *Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981. [Edição com nota preliminar e prefácio de Orlando Ribeiro, cancionero de Margot Dias, desenhos de Fernando Galhano, 1ª ed. 1948]



Em 1981, a propósito da re-edição do livro sobre Vilarinho das Furnas de Jorge Dias, Orlando Ribeiro dizia:

Vilarinho das Furnas não existe mais; não declinou por abandono dos habitantes, mas porque uma barragem a meteu debaixo da água que submergiu leiras e casas e até o cemitério situado na parte mais alta da aldeia. Nem os mortos escaparam e dos vivos ninguém cuidou; pagas as indemnizações irrisórias, cada um se amanhou como pôde, enriquecendo-se o país de electricidade, atirando para as incertezas da vida os seus vizinhos. E, no entanto estas aldeias comunitárias viviam numa nobre pobreza, onde os habitantes se sentiam efectivamente senhores do que cultivavam e colhiam e geriam em comum os seus interesses colectivos. Esta reedição é uma espécie de Requiem pelos pobres camponeses, pastores, moleiros e homens de outros ofícios humildes, que não inspiram aos prestigiosos construtores de barragens outro sentimento que não seja de profundo desprezo.²



Cada uma para seu lado.

É curioso este sentir, e é tão idêntico a muitos que hoje se exprimem a propósito de outras barragens físicas e mentais. O que não se entende muito bem é a *nobre pobreza*, porque a pobreza nunca é nobre, é pobre, apesar da suposta dignidade do viver em comum partilhando lameiros e vezeiras. O *bom povo* era pobre, às vezes mesmo miserável, e emigrava em massa para o Brasil, para as outras Américas, para a Europa ou para o outro mundo.

Como convinha à elite que sobre ele pensava, era um povo submisso, camponês de gema, resignado, ocupado nos trabalhos e nos dias, temente aos deuses e à Natureza que com eles se confundia, ensimesmado nas suas coisas de conservar o legado da tradição, de guardar os bens preciosos do chão, o espírito da pátria e dos egrégios avós; conservava, simultaneamente, brutezas e imaginários sublimes.



Todos em frente.

No tempo da ditadura salazarista, o Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) reciclou uma imagem da felicidade dos rurais e da vida no campo, inventou uma *cultura popular* para fundamentar uma identidade e uma suposta genealogia de autenticidade lusitana. Augusto Castro, o comissário da Exposição do Mundo Português, em 1940, exprimia assim o *lar do velho povo* e a capela *enfeitada de rosmãozinho*, enquanto a Europa se debatia na guerra:

*...um lindo livro sobre o Portugal íntimo, o Portugal repousante e lírico, o Portugal do pomar, dos açudes, da província, da indústria caseira, dos descantes e das eiras: esse Portugal ingénuo e amoroso, que foi o húmus do Portugal heróico.*³

3 Augusto CASTRO, 1940 citado em Luís CUNHA, *A Nação nas Malhas da sua Identidade. O Estado Novo e a Construção da Identidade Nacional*, Braga, Universidade do Minho, 1994.



Desruralização

Desruralização é um conceito que se usa nas Ciências Sociais para denominar o processo de mutação socio económica e territorial resultante da perda de importância da actividade agrícola (agro-florestal e criação de gado) e das culturas e *modos de vida* rurais tradicionais das *sociedades camponesas*. O recuo demográfico, o despovoamento e o abandono do solo agrícola são alguns dos factos mais insistentemente referidos sobre o assunto. Outras vezes, ouve-se apenas o lamento pela perda de velhas tradições, costumes, ofícios e outras manifestações da cultura imaterial. No entanto, nem só de abandono ou perda se trata, como se verá.

A desruralização mobiliza, de facto, uma questão poliédrica que aparece enunciada de diferentes formas consoante o modo de problematização. Apesar dessa diversidade, existem pelo menos duas faces distintas que interessa iluminar para que se perceba melhor a profundidade das transformações em causa:

- a transformação ou desaparecimento da agricultura enquanto economia (produção, distribuição, consumo, sistemas e tecnologias de produção, produtos, preços, mercados, etc.);
- a transformação da cultura rural enquanto modo de vida, visão do mundo, sistema de hábitos, crenças, tradições ou comportamentos.

Esta separação é tanto mais importante quanto *rural* – relativo à paisagem, à economia, à cultura, às tradições, aos modos e estilos de vida, etc. –, designa convencional e indistintamente algo de que é suposto ser a agricultura o suporte principal da economia e atributo



cultural de uma sociedade dita camponesa ou, mais vagamente, de uma sociedade que se inscreve num território marcado pela actividade agrícola. Estas complicações terminológicas e semiológicas, para além de serem confusas como todas as complicações, são ao mesmo tempo claras como o nevoeiro: designam realidades esfumadas onde cultura e agricultura se desencontram.

Rural também se usa como oposição de urbano, mas disso nos ocuparemos noutra lugar. Basta por agora dizer que esta dicotomia se estabilizou e se baralhou para sempre com o processo de *modernização*, segundo o qual e de forma simplificada, o rural designaria o lugar de partida do *êxodo rural* em direcção à urbanização intensa e rápida, e a agricultura conheceria uma tendência de mecanização, especialização e industrialização que acabaria com o campesinato e com as especificidades das sociedades e culturas camponesas, os seus territórios e paisagens tradicionais. Urbanização, tomada como processo irreversível de evolução social, seria qualquer coisa cujo poder derreteria tudo o resto num resíduo arrumável em valas comuns e categorias genéricas. Por exclusão de partes, o rural seria uma dessas arrumações.



Para além da oposição urbano/rural, existe uma outra: cidade/campo. Os significados e as hierarquias são semelhantes: cidade é o *centro*, o poder; campo é a vastidão dos territórios onde habitam os súbditos, o vulgo, a plebe, os rústicos..., ou os idiotas, e se produzem alimentos, lenha, carvão, ou outra coisa qualquer, coisas mais próximas das necessidades do corpo do que do espírito. Quem podia, às vezes, saía da cidade e ia para o *campo* administrar os seus domínios, caçar pardais ou apanhar ar. Hoje, há muito quem só tenha sossego e paz de espírito quando está ou no *centro histórico* (a cidade) ou na *aldeia típica* (o campo); tudo o resto provoca indiferença, azia e amnésia. Além do campo há também a praia e a montanha. Estranha forma de vida.



Os temas difíceis da desruralização

No meio de tanta polémica sobre o que possa ser a *paisagem*, talvez se ganhe alguma coisa seguindo as placas e observando a dita. É que já não se pode com tanto discurso sobre a paisagem, a paisagem protegida, a paisagem património, a paisagem degradada, a paisagem da paisagem. Paisagem é uma espécie de esponja: absorve qualquer questão que se possa enunciar *paisagisticamente* e, inversamente, espremendo, também sai de lá qualquer coisa.

O grafismo preto tanto pode ser o anúncio a uma montanha e orografias movimentadas, como o sismograma bolsista do delírio dos mercados: o dia começou em alta, decrescendo durante a sessão de forma abrupta, para depois apresentar uma ligeira retoma no final da sessão. É assim a paisagem, uma coisa simples, mas muito volátil.